

Especulação tira pioneiro

es, que têm, na igreja, o símbolo da resistência dos pioneiros à especulação imobiliária

da Candangolândia

Luís Cláudio Alves

Em 1983, quando o então governador José Ornellas assentou centenas de famílias carentes na própria área de invasão da Candangolândia, a intenção era criar um bairro para abrigar famílias de baixa renda. Mas em pouco tempo essa característica inicial foi sendo completamente deturpada e, hoje, o que se vê é a transformação gradativa da Candangolândia em um bairro de classe média alta e a consequente expulsão dos primeiros moradores da área — alguns que aqui chegaram, no início da construção de Brasília —, para lugares cada vez mais distantes.

Num rápido passeio pelas quadras da Candangolândia percebe-se, claramente, que muito poucas famílias que receberam lotes do GDF conseguiram ficar imunes às propostas de compra dos terrenos. A grande maioria vendeu o lote, apesar da proibição legal, e, hoje, as casas simples construídas pelas famílias de baixa renda, são quase uma raridade. Nos seus lugares foram construídos — ou estão sendo construídos — imensos sobrados e verdadeiras mansões que não deixam nada a dever às residências dos Lagos Sul e Norte, com vantagem de maior proximidade

do Plano Piloto.

Pioneira — Numa das quadras, a reportagem do CORREIO BRASILIENSE constatou o contraste entre um enorme sobrado e uma casinha que ainda guarda as características iniciais de anos atrás. A moradora é a pioneira Desidéria Vieira de Queiroz, de 61 anos, naquela área desde 1960. Ela conta que o sobrado não pertence a nenhuma das famílias assentadas pelo GDF, mas sim a uma pessoa que comprou o lote posteriormente. “Mesmo sem poder, muita gente vendeu o lote, através de procuração”, explica ela, ressaltando que alguns pioneiros ficaram sem casa, enquanto migrantes recentes, eram beneficiados pelo governo.

A neta de Desidéria, Ana Maria Vieira, disse que atualmente é muito difícil encontrar antigos moradores do local. “É muito triste ficar vendo tanto casarão sendo construído, quando a única igreja da região e também a mais antiga está caindo aos pedaços”, lamenta ela. A primeira igreja da Candangolândia é um galpão de madeira quase abandonado, a julgar pelo seu estado. O galpão está caindo aos pedaços contrastando com os casarões que se erguem.

Em certos momentos, tem-se a impressão de que a Candango-

lândia é um canteiro de obras, tal é o número de casas em construção. A reportagem também descobriu, que algumas pessoas têm, hoje, muito mais de um lote. O proprietário de uma mansão na quadra 7, conjunto A, casa 154, identificado pelos vizinhos como Zé Mineiro, também é dono de várias outras casas na região, quase todas alugadas, e ainda de um pequeno armazém. “Tenho visto muito disso, as casinhas vão dando lugar a grandes sobrados na mesma proporção em que famílias carentes cedem lugar a gente rica”, comentou um dos antigos moradores.

Barracos — A rua dos transportes, a mais antiga do bairro, ainda abriga alguns poucos barracos construídos ao redor da primeira Caixa Forte de Brasília. Segundo os moradores mais抗igos, era nesse local que os construtores da cidade guardavam dinheiro e documentos, na época em que o cerrado era um canteiro de obras. Um dos cofres fortes, no subsolo, abriga, hoje, uma família de dez pessoas. Os moradores desses barracos dizem que estão na área há 15 anos, mas não ganharam o lote do GDF. “Nós vivemos nessas condições, enquanto observamos o erguimento de verdadeiras mansões, na cidade”, desabafou um dos moradores.